

O Conde de S. Salvador

DISCURSO FUNEBRE

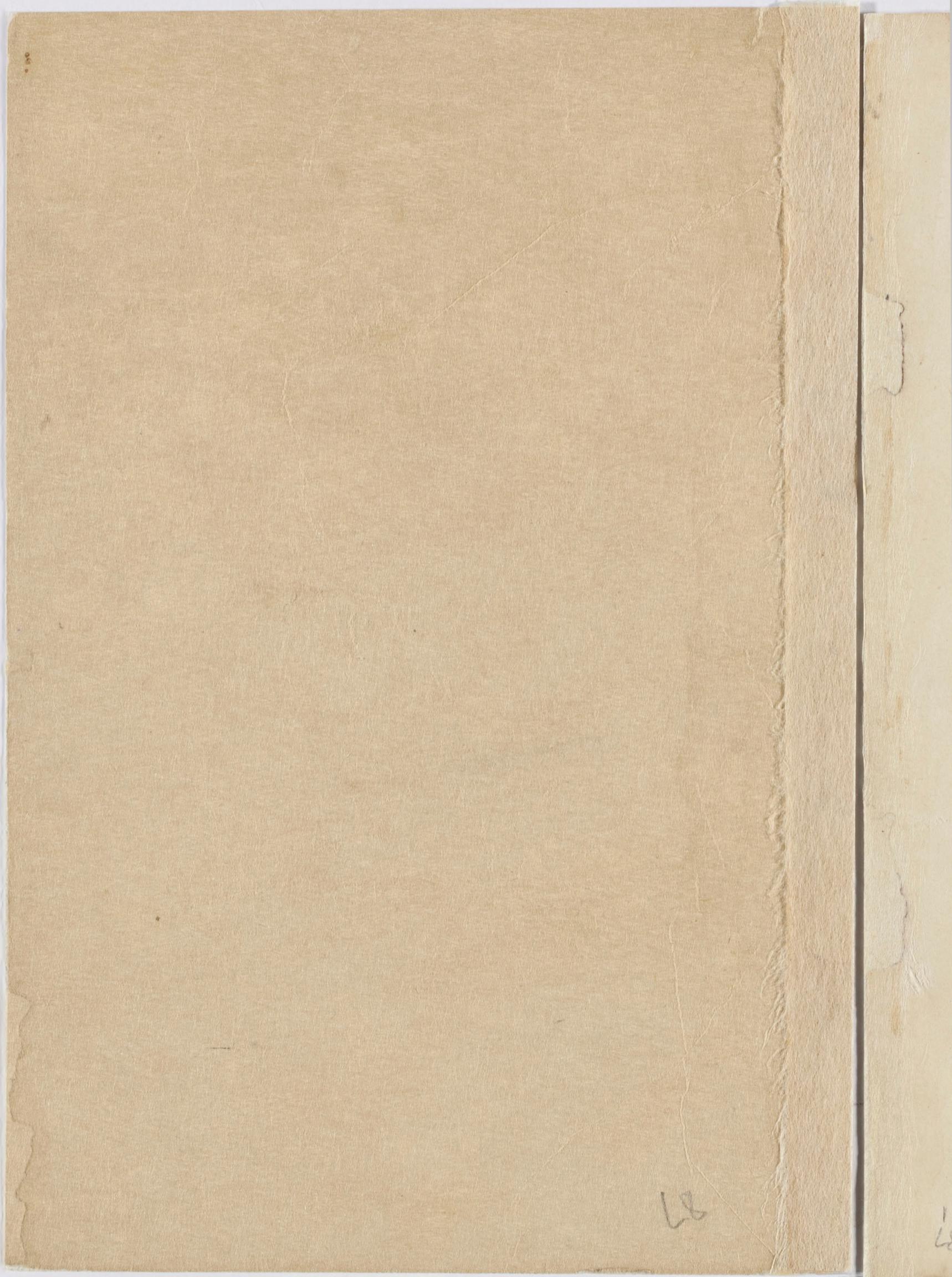
PELO

PADRE SENNA FREITAS

S. PAULO

Typ. a Vapor Louzada & Irmão

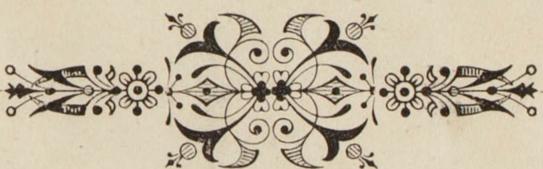
1890



cc

O Conde de S. Salvador de Mattosinhos

Discurso funebre, pronunciado pelo Padre
Senna Freitas, na Igreja de S. Bento
da Paulicea, a 24 de Novembro de 1888,
nas solemnissimas exequias que
alli mandou celebrar a colonia portugueza
da referida cidade, no 30º dia depois
do falecimento do illustre titular.



S. PAULO
Typ. a Vapor Louzada & Irmão

1890

Faculdade de Filosofia
Ciências e Letras
Biblioteca Central

Et erit sepulchrum ejus gloriosum.

Será gloriosa a seu tumulo.

(Isai. 10.)

Ex.º Rv.º Snz., () Snrs.*



SE a morte é uma derrota, a história é um triumpho. Lá onde a primeira apaga, a segunda escreve.

Foi, porém, Deus quem creou a morte e só foi o homem quem creou o horror do sepulchro e o espetro solemne do catafalco.

Tremenda, Snrs., fatídica lei, na verdade, é esta da dissolução de todas as vidas humanas, lei que não extrema o cidadão publico do particular, o proeminente do obscuro, o sabio do nescio, o prestimoso e providencial do inutil ou mesmo nocivo; lei cruelmente igualitaria a cujo nível de ferro nada se subtrahe.

Todavia, não calunniemos a propria parca. Ella só expunge o nome

(*) O Ex.º Rv.º Snr. D. Lino Deodato, Bispo de S. Paulo.

dos homens puramente numerosos ou perniciosos ; o seu poder não se estende aos benemeritos. Descarregando sobre elles o golpe fatal, aviventa-lhes a luz que os envolvia em vida ; fóca-a, de diffusa que era ; põe um facho onde apenas havia um clarão ; e por um effeito tão maravilhoso como contraproducente, atirando com esses grandes benemeritos para a valla sepulchral, de mortaes torna-os immortaes.

Todas estas reflexões me são sugeridas pelo infausto e recente passamento do portuguez-typo, do portuguez positivamente illustre, que no seculo se chamou CONDE DE S. SALVADOR DE MATTOSINHOS, do cidadão magnanimo cujo coração era o erario perpetuo dos indigentes e o Seguro dos infelizes.

Trinta dias faz que o tetrico acontecimento se realisou, assumindo quasi as proporções de uma calamidade publica, repercutida incontinente, á quem e além Atlantico, pela lingua metalica do telegramma ; e hoje alguns compatriotas, agradecidos e fidalgamente

timbrosos, do finado, vem pela voz de um delles render-lhe na illustre Paulicea as honras funebres devidas ao trabalho, ao caracter, ao amor acrysolado da humanidade personificados no insigne titular.

Se a morte, repito, é uma derrota, a historia é um triumpho. Extinguiu-se a preciosa existencia do Conde de S. Salvador, lançando a consternação e o lucto no seio da familia desolada, dos numerosos amigos, dos conterraneos, dos consocios do trabalho em quem a veneração se contrapesava com o affecto, dos inumeros desgraçados, cuja providencia era; mas a recordação palpitante das multiplas beneméncias do morto sobreenche, inunda de vivacissimo fulgor o seu nome no momento preciso em que a morte parece apagal-o com uma indifferença estoica e tão pouco discreta. O tumulo dest'arte transfigura-se em ara santa onde ajoelham todos os espiritos capazes de admirar o merito, e o catafalco realça-se em monumento, embora ephemero, erigido não a um es-

polio da morte senão a um prototypo de civicas virtudes, não a um tropheu da dissolução senão a um tropheu da gloria. *Et erit sepulchrum ejus gloriosum.*

Ainda bem que as noções da virtude e do vício não estão por ora totalmente invertidas no nosso meio coevo e social, e que por esse mesmo facto não se illude a opinião publica nas homenagens que presta aos vultos emeritos.

A sciencia da materia pôde affirmar que a morte é apenas uma suspensão definitiva do mecanismo physiologico e uma decomposição chymica que restitue á terra e á atmosphera um certo numero de metaloides, d'ora em dante no estado livre.

Existe sem embargo, e existirá sempre para nós um abysmo entre o falecimento de João José dos Reis e o de Tropmann, entre o golpe que priva a sociedade de um bemfeitor, de um amigo e o que a livra de um facinora. E ao passo que a memoria deste resvala ao nada tão

rapida como a torrente do Rhodano, sem deixar apoz si nem a saudade nem a abençoada proliferação produzida pelos sentimentos humanitarios, a memoria do primeiro, tão pura, tão verdadeira e secunda como uma palavra de Deus, permanece estavel e radiosa quaes as cousas tocadas pelo de-
do divino do Bem.

A esposa, o filho já titular como seu pae, do Conde de S. Salvador de Mattosinhos, podem consolar-se ; duas nações choram com elles. A alma de dous povos faz echo á sua amargura justissima. Estas nações são as duas patrias do finado ; a que lhe serviu de berço e a que lhe foi gleba funeraria, aquella onde recebeu o ser hominal e aquella onde se envolveu a sua poderosa e inquebrantavel actividade, a que o dadivou com felizes aptidões, designadamente com as intuições sensatas de uma razão lucida a par do genio assaz raro do amor encendrado dos homens, e a que lhe subministrou largamente, mediante uma faina obstinada, os recursos financeiros em que

devia concretar-se e effectivar-se esse genio tutelar. Aquellas nações emfim são os dois theatros onde se estadeou pujante, generosa, indefessa a caridade do portuguez em cujo coração de ouro se abrigaram dois povos, e se abraçaram, no élo mysterioso de um amor semelhante, os interesses nobilissimos, attinentes aos progressos e ás venturas de Portugal e Brazil

Agora estas nações, atravez do Oceano que as intervalla e do crepe que as veste, contemplam-se e agradecem-se mutuamente, mancommunando a sua gloria; alternativamente créadoras e devedoras uma da outra, ellas que foram á mistura, o sulco de dôres e de lagrimas onde a mão prodiga e cosmopolita no seu bem fazer deixou por vezes cair o punhado de ouro providencial, que faz desabrochar em sorrisos lagrimas e em florescencias espinhos.

Ninguem estranhe, pois, que eu manifeste, nesta hora solemne em que faço a oração funebre do illustre Conde, a honra que sinto de haver nas-

cido portuguez. Envaideço-me de ser compatriota do cidadão que soube dar a estes dois paizes consanguineos o gentilissimo exemplo do como devem querer-se entre si, por isso que vinculados pelos fortissimos liames da lingua, da raça, da ethnographia e da historia, isto é, por vinculos que nenhuma outra nacionalidade lhes poderá jamais disputar.

Porém eu estou em uma tribuna sagrada, a esboçar o elogio funebre de um christão. Calem-se no ministro de Jesus Christo todas as inspirações terrenas, hauridas nos preconceitos de um mundo vanissimo. Nada é a fortuna em si, nada o fausto, a grandeza nobiliarchica ante a nua e eloquente magestade da Cruz. O mesmo amor da patria não é assaz alto para quebrar o silencio da tuba evangelica no recinto religioso de um templo.

Só a virtude é grande depois de Deus. A ella o privilegio de ungir a minha palavra em face daquella eça que nos está prégando o vacuo de todas cousas humanas.

Ousarei abrir aqui lugar a uma scena tragica e rememorar-vos a hora lancinante em que a familia do finado lhe rodejava o esquife, na pequena capella do seu palacete.

Deixai que vos descubra em espirito esse cadaver pallido e descarnado, junto ao qual parece fumegar ainda o raio que o fulminou. Consentir que vos chame a attenção para esse modesto habito franciscano em que um Conde quiz ser amortalhado; que vos faça escutar o silencio morno e lugubre que alli reina em tudo e em todos, contrastando com o ruido lisonjeiro, feito outr'ora em torno do seu nome. Crepes, tocheiros e soluços, eis o resto do scenario. Mas fixai o espolio mortal do cidadão insigne com o olhar transluminoso das mentes rasgadamente abertas aos spectaculos do bem.

Em redor d'aquelle semblante formam nimbo tres palavras de luz, que resumem e irradiam toda a vida do Conde — **Trabalho, Honra, Caridade** — São a synthese e a unidade de 40 an-

nos de labores. Serão a synthese e a unidade do presente discurso.

Srs., a próvida natureza não dá ao homem nada por nada. É forçoso comprar a conservação da vida pelo esforço e pela fadiga.

A primeira urgencia temporal é viver. A liberdade nascerá da vida, esta aptidão, e a abastança da liberdade, esta alavanca e esta coroa. O indolente herda com o tédio a miseria; não passa de um zangão na colmeia social. A pobreza espia pela fechadura da porta do homem laborioso e não ousa entrar. Eis o que nos ensina a Biblia da natureza.

A Biblia da Fé, no primeiro dos seus livros, vai mais longe. Transmite-nos o preceito edenico imposto pelo Eterno a todos os descendentes de Adão: «Comerás o pão com o suor do teu rosto (1).» A aquisição do pão do corpo ou do espírito requer o cumprimento d'esta lei; portanto, a lavra

(1) Genesis—C. 3—V. 19.

do solo, as regas penosas do suor, a immersão da semente. Alimento ou instrucção não se conquistam a menos que seja pelo processo prévio acima designado.

Tal a concepção fundamental e unica circumspecta do destino humano. Concebê-lo de outro modo, aspirar á existencia parasitaria do ocioso, equiparar na pratica o turbilhão do movimento vital á immobilidade esteril do sepulchro, é desapontar o fim nobre da obra prima da creaçao, é aspirar á involuçao, isto é, á existencia fetal do infante, nesse cyclo nocturno da sua gestação materna.

Não direi eu que João José dos Reis, Conde de S. Salvador de Mattosinhos, cavalleiro da Ordem de Christo, de Portugal, dignitario da Rosa, do Brazil, fosse simplesmente um amigo do trabalho, porque essa qualidade é talvez, se me perdoais a observação, a historia universal do portuguez; mas que toda a sua existencia foi votada a uma faina ardua e incançavel.

Nascido em Mattosinhos (cercania

do Porto) em 1820 e tendo tido por progenitor Francisco José dos Reis, capitão de marinha mercante, o galhardo moço portuense, logo desde o alvorecer da juventude se consagrou á carreira commercial, em que revelou assombrosa actividade, estabelecendo-se 8 annos depois em sociedade com um cavalheiro a quem posteriormente tinha de dar o nome de sogro.

A aristocracia da nobreza, essa veio ter com elle. Elle só foi ter com a aristocracia do trabalho, que o trabalho hoje é nobreza tambem e por ventura a menos equivoca e a menos extrinseca de todas, desde que o seculo transacto, neste ponto digno de encomiasticas menções, o reivindicou da servidão ignobil a que parecia condenado aos pés dos ocios de sangue azul, e o constituiu em um principio de direito que torna iguaes todos os cidadãos, democraticamente accessiveis ás posições mais empinadas do Estado.

Na profissão preferida não teve nunca a tentação de obtemperar ás vans theorias socialistas quanto á compre-

hensão do labor mercantil. Salvo de applical-as pela sua dôse robusta de senso commum, fez melhor do que deixar-se absorver em uma vasta solidariedade em que cada um recebe segundo as suas necessidades e apenas tem de contribuir para a communidade com o sobreexcedente das suas faculdades. Economia politica é essa a que não sorri a fortuna mas sim a ignavia! (1)

Antes quiz matricular-se na escola severa do trabalho e das transações arrojadas e honestas, presagiadoras de um futuro auspicioso. Já a antiga sabedoria notara que a prosperidade tem predilecções para a audacia. Não houve então obstáculo que não sopeasse, dificuldade que não vencesse, maledicência invejosa que não desprezasse, commettimento generoso que o não seduzisse, empreza ardua que não levasse a cabo, expediente habil e lícito de que não se soccorresse, perigo que não soubesse conjurar. Impellido pelo

(1) Systema de Luiz Blanc.

seu genio ao mar alto do negocio, offereceu-lhe francamente o largo peito nú. Nadou, esbracejou, poz cabeça á vaga quando foi preciso, sorveu por vezes tragos bem amargos, offegou sem succumbir, cançou sem fraquear, até que afinal «occupou o porto»!

Foi assim que dentro de não muitos annos, o Conde de S. Salvador do Mattosinhos se guindou do nada, quer dizer, da planicie raza e improductiva dos nullos, ás culminações da fortuna, por ventura de uma das fortunas mais collossaes do Brazil e de Portugal.

Não é isso para menções honorificas, bem o sei, sobre os labios do sacerdote de um Deus que apenas glorificou a pobreza e que para os ricos pouco mais teve que o «ai de vós». (1) Porém quando a fortuna cae em mãos bemfazejas, que são canaes de utilidade publica e não reservatorios, pôde dizer-se com accão de graças que a humanidade conta

(1) *Vae vobis, divitibus... quia lugebitis et flebitis.*
Luc. 6—24, 25.

mais uma fonte de amor, de dulcissimas esperanças, de suavissimos balsamos no deserto abrasado do soffrimento.

Não obstante, os frequentes elogios que attrahia ao illustre finado o seu labutar herculeo e alto espirito de iniciativa, deixavam-n'o, como eu proprio observei poucos dias antes de sua morte, tão frio e indiferente que dava azo a duvidar-se se elle tinha plena consciencia da sua muita operosidade ou se a fama se enganava de objectivo.

A primeira urgencia é viver, disse eu; a liberdade nascerá da vida consolidada. Livre, pois, pelo trabalho, não descançou. Fez da riqueza alavanca para o grande progresso commercial da sua segunda patria, fundando diversos Bancos nacionaes e estrangeiros, presidindo outros muitos e semelhantemente criando differentes Companhias de seguro, de que por muito tempo foi alma. Assim deixou demonstrado contra devaneadoras philosophias de certos reformistas do inicio

do seculo, que não existe oposição real, segundo pretendem, entre o capital e o trabalho, como não existe entre a broca e a pedreira, entre o corollario e a premissa, entre a cellula e o cedro.

Acertadamente advertem os livros sagrados que «o homem colherá consoante houver semeado (1).» O Conde de S. Salvador semeou no trabalho, colheu na gloria. Tornou-se um como centro de actividade mercantil, para onde convergiam numerosas actividades que se aqueciam ao seu calor, que gravitavam no seu circulo de attracção, se acostavam ao seu braço valido, se modelavam no seu exemplo, se orientavam pelos seus conselhos prudenciaes; que confiavam cegamente nas efficacias da sua energia e collaboravam para o desenvolvimento economico da grande capital do imperio em collectividades parciaes, sob o impulso vigoroso e a dictadura intelligente d'aquelle portuguez de rija tem-

(1) Quae enim seminaverit homo, haec et mettet.
Galat. 6 - 8.

pera, d'aquelle batalhador das batalhas pacificas do trabalho, d'aquelle laureado conquistador da sorte propicia, felizes e altivos de se verem envoltos na aureola astral da sua celebridade.

Não vos pareça, todavia, que essa profissão adoptada collidisse um só dia com o sentimento e o dever da honra no nobre Conde.

A sua fortuna não disse jamais á probidade aquella palavra que Abrahão endereçou a seu irmão Lot ante os horisontes longiquos da Mesopotamia: «Toma para a direita que eu tomarei para a esquerda». Viveram unidos até á morte no amplexo da consciencia.

Snrs., se, desafortunadamente, na maioria dos cidadãos que constituem as nações christãs, não subsiste mais a religião da cruz, subsista ao menos a religião da honra.

No naufragio de todos os nossos thesouros de bem salve-se sequer essa derradeira prancha a que ainda pôde segurar-se uma sociedade em descal-

bro. Sobrenade intacta a honra, *fragil* embate, mas embate das ressacas procellosas de que é victima esta pobre consciencia abandonada á rajada horrivel da sciencia sem Deus e á elasticidade complacente de moraes conventionaes. Chama-lhe com razão e profundidade o Conde de Maistre «a superstição da virtude». E' ella, ainda assim, a mais desculpavel e a mais util das superstições, pela qual a moeda corrente dos actos humanos consegue ter ainda certo cunho, valor e brilho.

Em esta qualidade natural desaparecendo, o cidadão perde o estemma da sua dignidade, atira ao chão com o proprio nome, calca-o a pés, está apto para todas as vilanias.

Condensar riquezas é, de facto, o alvo unico do argentario inconscien-cioso. Para attingir este alvo, todos os caminhos lhe parecem rectos, todas as armas nobres. Vibre muito embora a consciencia, esta sentinelha avançada de Deus, o grito das suas retaliações vingadoras, bolse a sociedade sobre o nome do argentario o veneno corro-

sivo de uma critica justissima; nada o detem, nenhum pejo o enrubece, porque nenhum remorso o opprime, nenhuma victima o enternece, porque nenhum sentimento compassivo o inspira. Não conhece os jubilos das transacções limpas, porque não conhece os milindres da honestidade pudente-rosa. No exclusivismo dos seus preitos ignobilmente egoistas, dirigidos ao ouro, ao deus Pluto, elle poderia mandar gravar sobre o frontão do seu palacete a mesma inscripção que se lê ainda hoje em Pompéa, sobre o frontespicio do templo do Commercio, «*Ave, lucrum!*»! eu te saudo, ó lucro, minha unica divindade. A estes homens a alma se lhes amoedou e a intellihencia se lhes reduzio a um machinismo de calculos habeis. « Deixar taes mortos enterrar os seus mortos.»

Como estas considerações realçam a tua individualidade moral, digno portuguez! Quem ignora que foste sempre exemplar vivo e invariavel da mais severa probidade, probidade tanto mais difficult e emerita quanto é certo

que nas estuações da prosperidade mercantil o caracter e a consciencia facilmente capitulam bloqueados pelos subornos perfidos da ambição! Tu, pelo contrario, possuias a altivez do caracter e a modestia da fortuna. Nesta, conforme observou um orgam eminente da opinião publica que vê a luz na Corte do Imperio, não havia um real grangeado por outro modo que não fosse o exercicio honesto da tua actividade ou o lucro alcançado em operações leaes, a descoberto, sem os ardís ou as prestidigitacões de certo jogo commercial em que tantos primam.

Naquella de todas as profissões em que o panno da honra se tece com fio mais grosso ou muitas vezes fica por tecer, João José dos Reis chegou a proverbiar na opinião publica a qualificação de *honrado*, legada ao seu nome.

Como explicar o satisfatoriamente? Pela circumstancia de uma indole felicissima? Em parte. Pela severidade adquirida de habitos honestos? Em

parte. Mas ainda mais, porque debaixo do arnez da honra pulsava um coração de crente. Era este que transmitia ao arnez a consistencia do aço. O Conde de S. Salvador era catholico sincero. Diga-o o zelo com que promoveu por tantas vezes solemnidades religiosas, especialmente na capella do edificio da Sociedade Portugueza de Beneficiencia da Corte, por occasião dos seus anniversarios. Diga-o a construcção por elle iniciada de uma formosa ermida, attinente ao seu palacete e na qual mandou celebrar uma festa inaugural. Diga-o o facto de sua espontanea incorporação em varias irmandades e Confrarias da que até foi eleito ministro e juiz. Diga-o a pontualidade e o grave recolhimento com que assistia nos Domingos e outros dias sanctificados ao incruento sacrificio de nossos altares, e não menos o respeito que lhe mereciam os restantes preceitos da Igreja e actos do culto catholico. Diga-o o testemunho eloquentissimo dos seus sentimentos chris-tãos traduzido no retrato photographico

que Sua Santidade, o Papa Leão XIII, lhe offertou, acompanhando-o de uma honrosa dedicatoria exarada pelo seu proprio punho. Diga-o, alem do mais e mais que tudo, o facto da audien-cia que solicitou e obteve do Chefe supremo da Igreja, tributo de venera-ção inequivoca de um catholico ao re-presentante de Christo na terra.

E' que a fé pratica não é só « a ambrosia que preserva a corrupção da sciencia (1) », é tambem a ambrosia que preserva e emancipa o espirito das tendencias dissolventes da consciencia submettida á inhalação do ambiente mephitico de uma sociedade infiltrada até á saturação, de maximas deleterias, de exemplos perigosos.

O temperamento amoravel de João José dos Reis nada tinha de commum com o de certos homens doados de de uma frialdade e de um indifferen-tismo pelos males alheios, capaz de gelar uma columna de mercurio; mas creio, não obstante, que foi o seu es-

(1) O Chanceler Francisco Bacon na sua *Atlantida*.

pirito accentuadamente christão que lhe insuflou, em grande parte, a extraordinaria caridade que o caracterisava.

A honra foi a norma e, porque assim o diga, o instrumento da sua actividade; a caridade a suprema applicação da sua fortuna. A actividade tornou-se o manancial caudaloso que borbotava; a desgraça o terreno arido e calcinado que lhe bebia a onda. A mão esquerda recebia, a direita dava. O coração dispendia o que o cerebro soubera agenciar. Ao lado do roble do trabalho que plantára, plantou o frumento da beneficencia desabotoando-se em aureas espigas pendidas para a miseria.

O Brazil como Portugal experimentaram, á compita, as generosidades deste varão mais fidalgo ainda pelas suas obras do que pelos seus titulos e veneras. Por ambos os paizes disparatio o que possuia, ou melhor, se repartio a si. Eis porque duas nações estão realmente de lucto. Eis porque o fallecimento do Conde de S. Salvador equivaleu, sem hyperbole, ao des-

moronamento de um mundo de humanitarismo, que tarde, talvez bem tarde será reedificado.

Ninguem, não, nenhum particular exerceu, de facto, em maior escala a beneficencia, nem influio por forma tão efficiente na sedação das lagrimas publicas e das angustias intimas. Podia dizer-se a este respeito que levava a commiseração até uma especie de sensibilidade feminil; que possuia a sublime divinação da dôr para descobril-a e calmal-a, a contrapello de muitos que desencantam sempre novas arguicias philosophicas para não dar e dispensarem-se de ser sensiveis.

A mão humana, Snrs., é um organo de tal perfeição plastica e mecanica, que certos naturalistas a teem considerado como a differencial dominante da nossa especie. (1) Dispõe de tamanha elasticidade de força e delicadeza, que pôde alternativamente construir a enorme estatua da liberdade, de New-York, ou desenhar os cílios quasi invisiveis

(1) Refiro-me em especial a Galeno.

de um anélido. A mão que pinta ou esculpe é duas vezes humana, porém a mão que dá é divina. Já não se lhe pôde chamar um metacarpo de tendões e ossos; dir-se-hia a aza ethérea de um anjo que traz do seio de Deus o orvalho do consolo, que sacode brandamente sobre a chaga complexa das dôres terrenas.

O' mão dadivosa do grande portuguez! Eu te aperto em espirito entre as minhas e te beijo uma e muitas vezes, como o labio agradecido das tuas duas patrias. Opere em ti a terra sepulchral a sua chymica de destruição; ella não poderá prevalecer definitivamente contra a palavra adoravel de Jesus: tu brilharás um dia com as scintillações eternas do Deus de amor e felicidade que beatificou a mão que praticasse a misericordia. (1)

E' publico, mas seja-o ainda mais, que foi o illustre finado um dos fundores da *Sociedade Portugueza de Beneficencia*, da Corte brazileira (instituição

(1) Beati misericordes, quoniam ipsi misericordiam consequentur. Math. 5 - 7.

admiravel e unica talvez na sua especie, que já é banal elogiar) e que a presidio por muitos annos, ou effectiva ou honorariamente. Esta sociedade é um hospital perfeitamente montado, sempre aberto a portuguezes e a brazileiros, e cuja mesa directiva reconhece em João José dos Reis o seu mais decidido e indefesso protector.

Nesse mesmo edificio existe outra instituição commovente, de que o falecido Conde foi outrosim o fundador e o bafejador constante. Refiro-me ao *Asylo Juvenil e Professional* alli incluido. Era pai d'aquellas setenta crianças, a quem ministrou pão, tecto e a aprendisagem de um officio para o futuro. Para ellas foram os ultimos sorrisos do seu inverno lugubre (1). Com ellas espairecia os raros ocios de que dispunha. Constituiam o seu segundo Domingo, o do seu coração, pois o primeiro era o da sua fé. Chamava-lhes os seus «rapazes» e estes

(1) Allusão á morte de uma filha sua, falecida apenas algumas semanas antes do venerando pai, a quem este golpe cruel affectou profundamente.

alvorocavam-se todos e punhum tons risonhos de aurora nos pequennios semblantes candidos, ao olhal-o o com aquelle olhar unico de confiança e amor com que o filho infantil pousa os olhos nos do pai.

Não reproduzo informações. Narro o que eu proprio observei, quando ao lado do Conde, na ultima festividade commemorativa da Sociedade Portugueza de Beneficiencia (dia 15 de Setembro do anno passado), eu assistia a estes quadros que nunca esquecem, de um velho acariciando e premeiando uns pobres asylados que perfilhara, ainda hontem avesinhas sem ninho, flores que vagueiavam em busca da sua haste, hoje filhos adoptivos, aalentados e amamentados pelos seios da mãe—caridade.

Além disto, quem ignora que foi elle o fundador e o presidente das *Comissões Centraes Portuguezas de Soccorros* em favor das victimas da febre amarella no Rio de Janeiro, em 1873 e das terriveis inundações de Portugal, em 1876? Quantas familias

envergonhadas, nos dois paizes consanguineos, lhe não deveram o sustento e o abrigo, a principiar pelas do seu sólo natal, em Mattosinhos? Não estão ainda frescas na reminiscencia de todos as profusas esmolas que distribuiu pelos indigentes e em prol de pias instituições, na sua rapida viagem atravez de Portugal, o anno preterito? Ainda hontem a imprensa noticiou o avultado contingente com que o meu biographado tão de prompto ocorreu ás consequencias desastradas do incendio pavoroso de um theatro, na cidade do Porto.

Entre os numerosos factos inscritos na sua longa lista de beneficencia não occupa, certo, o ultimo lugar senão um dos mais sobresalientes o facto de ter sido elle um dos subscritores numerosos desse elegantissimo monumento filagranado de marmore e ouro, e um dos socios benemeritos desse templo das letras, desse soberbo Pantheon das duas litteraturas que fallam o mesmo luso idioma, cognominado o *Gabinete Portuguez de Lei-*

tura, na Côrte brazileira, ao qual eu quasi poderia chamar a urna condigna da lingua de Camões.

Todavia, dispor da propria fortuna para taes fins alevantados não é acontecimento insolito nem ainda menos inaudito, embora nunca seja vulgar, mórmente em semelhantes proporções gigantescas. Mas o que não conhece talvez simil é a notavel circumstancia de conseguir um cidadão impor-se como se impoz o Conde de S. Salvador de Mattosinhos, unicamente pela fascinação contagiosa do seu bem fazer sobre os que o privavam ou simplesmente o conheciam, a ponto de poder dispor á vontade da bolsa dos ricos e de obrigar-los pela doce violencia de um ascendente irresistivel, a frequentes contribuições em bem dos desherdados da sorte. Desde o dinheiro até ao serviço pessoal, o nobre Conde tinha sempre nas mãos o immenso poder de um prestigio incontestado, no mais vasto circulo de dedicações pessoaes que ainda se formou em torno de um homem. D'aqui o segredo da sua alta

preponderancia no seio de duas nações.

Sabeis o que succede ao viajante que de chôfre desemboca do mar das Antilhas no rei dos mares? Ao primeiro relancear de olhos depara-se-lhe o infinito azul das aguas; ao segundo, sobre um immenso verde glauco desenha-se-lhe uma grande rua liquida, côr de anil, especie de affluente que rola sem fazer fusão. Que será? E' a corrente oceanica, o *gulf-stream*, o enorme rio de aguas quentes que atravessa o Atlântico, chegando ainda tepido ás ilhas britanicas e á ponta de Brest. Phenomeno providencial, a que bastantes paizes devem, como a Inglaterra, a Irlanda, que os não gele o frio e inclusivamente que alli se sinta mais conchego atmospherico que em outros territorios de uma latitude inferior, ao passo que o sólo aquecido adquire uma fertilidade relativa que aliás não teria. Bem posso com toda a propriedade affirmar que a assombrosa caridade do titular prestante foi uma verdadeira corrente, uma corren-

te oceanica de esmolas, de lenitivos, de contribuições fidalgas, que, atravessando o Atlântico de um Imperio e de um Reino, levou a tepida e restauradora vaga de calor, de luz, de seiva vital e, por sobre tudo, de amor a essas ilhas do sofrimento e da ignorância, impedindo-as de serem geladas pelo frio polar da miseria.

Assim se commenta a parábola divina do bom samaritano, assim se honra a rainha das evangélicas virtudes. E esta virtude no falecido foi mais que caridade, foi prudência transcendente, que comprehendeu ser em certo modo «reter o alheio o possuir as sobejedões do superfluo (1)», «que o pobre menos pede do que reclama um débito de justiça, dictada pela própria lei da natureza e pregada pela religião (2)», e, principalmente, que «não ha senão uma escada para o rico que aspira a subir á mansão de nosso

(1) Res alienae detinentur cum superflua possidentur (S. Agust.)

(2) Justitiae debitum potius solvimus quam opus misericordiae implemus (S. Greg.)

Pai que está nos ceus, é a escada da pobreza socorrida (1).» De quantos degraus a não edificou o Conde?...

Não pretendo, comtudo, garantir por todos estes dados historicos que fosse sempre rectilineo, sempre purissimo o seu espirito de philanthropia. E' possivel que a fragilidade humana retivesse por vezes no poder do egregio benfeitor alguns grãos de incenso que deveriam de preferencia cremar aos pés do altar de Deus, centro unico da gravitação do bem. E' possivel que o homem de quem teço o panegyrico sacrificasse por vezes á vaidade e ainda a outros defeitos humanos, porque não ha sol assaz fecundante que faça nascer no nosso globo arenoso a flôr encantada da perfeição. Não importa. Forçoso é confessar que, se jamais a vaidade é perdoavel e até mais sympathica do que certas virtudes de cidadura austera, é quando ella sabe canalizar o seu curso, dirigindo-o, transformado em acções de santo altruis-

(1) Via coeli pauper per quem venitur ad Patrem
(S. Agust.)

mo, para as casas onde a penuria fez a noite e para as mãos onde a fome fez o vazio.

Posto o que precede, não me admira mais o sequito prodigioso que acompanhou á jazida final o feretro do que foi no mundo Conde de S. Salvador de Mattosinhos, nem o numero enorme de telegrammas de condolencia enviados á familia lacrimosa, nem os incontaveis artigos necrologicos publicados nessa occasião pela imprensa não só brazileira e portugueza mas até das republicas das duas Americas, nem os suffragios mandados celebrar em muitas localidades, por sua alma. Foi justiça.

Foi uma demonstração publica de que, se seu corpo estava no Rio de Janeiro, o seu espirito estava de alguma sorte, em toda a parte, pelo culto tributado ao fogo sacro da honradez e á chamma santissima da beneficencia que lhe ardia no coração.

Portuguezes e brasileiros, ufanemos de que não faltando nada á sua gloria, nem elle faltasse á nossa !

Transidos pela pungente saudade da separação eterna, mas reconhecidos, saudemos deste lado de cá da sepultura o compatriota d'alem campa que enfim repousa da aspera faina ; o homem laborioso, honesto, leal, humanitario, christão, que, depois de emprezas herculeas realizadas, de amizades nobilitantes, de despretenciosa abastança, de benemerencias perduraveis e dos dedicados desempenhos da missão paterna, cahe na valla funerea, *amortalhado no seu proprio esplendor*, como cahem os heroes, legando á posteridade uma existencia historica, que só para elle foi, por vezes, uma via sacra, abrolhada de espinhos, mas para a humanidade uma verdadeira marcha triumphal.

De facto, depois de tantas accções immortaes, já nada mortal tinha a fazer na terra. Cumpria que pagasse ao passamento o tributo fatidico. Tardava-lhe talvez ir dormir o somno imperturbado junto ao corpo da filha, cujas cinzas ainda não tinham esfriado de todo.

Que lhe fazem neste momento ao finado ou que lhe importam as lagrimas da dôr, as confissões da gratidão, os entusiasmos do apreço, o estampido da fama? Em que podem os nossos luctos, os nossos discursos ou os nossos necrologios contribuir agora para a sua ventura definitiva? Suntuoso mausoleu lhe encerrará o cadaver em urna marmorea, sem impedir que o espirito se esteja purificando das leves maculas que o tolhem de contemplar em cheio o candor da eterna luz.

Tome, pois, a oração o meu lugar. Só a ella pertence interpor-se aqui entre o SUBLIME CLEMENTE e o illustre tributario da morte.

Christãos, de joelhos! Uma prece intima, ardente por aquelle que tanto nos amou e beneficiou em vida.

Deus pode recusar a supplica de um só crente, mas, como diz Tertuliano, « elle córa de negar-se aos rogos da multidão dos crentes, deprecando por um delles.»

A ultima palavra.

Faculdade de Filosofia

Ciências e Letras

— 39 — Biblioteca Central

Dorme agora em paz o teu sonno
de morte, optimo Conde. Urge dar-
te o adeus final; acceita-o.

Partiste para um mundo d'onde se
não volta. Mas comnosco fica o teu
coração, vivo e palpitante nas institui-
ções que nos legaste. Ellas continuam
a tua oração funebre, sem deixarem
nunca extinguir-se em nossos peitos o
delicioso pungir da saudade.

Disse.



